

O futebol explica o Brasil – O caso da Copa de 70

A utilização do esporte mais popular do Brasil
pelo governo mais brutal do regime militar

Marcos Guterman

Paper para o I Simpósio de Estudos sobre Futebol

Introdução

O futebol é um campo fértil para a produção de mitos e lendas na vida nacional. Uma dessas histórias ainda viceja, com aparência de verdade incontestável: a utilização ardilosa da Copa de 70 pelo regime militar, com o objetivo de encobrir a repressão que foi a marca do governo Médici. Como todo episódio relacionado ao futebol no Brasil, este também é objeto de muitos palpites e pouca consistência historiográfica. No caso específico da Copa de 70, sobram episódios obscuros, interpretações enviesadas e açodamento ideológico, resultando num quadro que deixa de esclarecer um dos eixos centrais do governo Médici naquela oportunidade: a busca da popularidade que legitimaria o regime de exceção perante os críticos, internos e externos.

Este artigo tentará mostrar que, de fato, Médici, um apaixonado por futebol, realmente escorou-se na conquista do tricampeonato no México para alimentar a retórica do Estado nacional-desenvolvimentista, mas essa utilização não pode empanar outros importantes fatores em jogo: é preciso questionar, por exemplo, se os resultados dessa política teriam sido satisfatórios como foram se, ao mesmo tempo, o país não estivesse passando por um surto de crescimento econômico sem paralelo em sua história; é preciso perguntar, também, se o movimento ufanista que se seguiu à conquista já não estava em gestação, faltando-lhe a ignição que a Copa proporcionou; é preciso saber, enfim, se as massas que foram às ruas festejar a vitória no México não estavam aproveitando a situação para um “desabafo” que a máquina da repressão impediria em qualquer outra circunstância -- ou seja, diferentemente do que o discurso da esquerda perpetuou, os brasileiros que festejaram a conquista de 70 talvez não estivessem tão alheios ao que se passava no Brasil de Médici.

Futebol e o regime militar - alguns conceitos teóricos

Os poucos estudiosos que se dedicaram a entender os efeitos do futebol sobre a sociedade brasileira e seus desdobramentos institucionais coincidem num ponto: o de que esse esporte, por todos os seus significados, funciona como importante diluidor de diferenças sociais. Em oportunidades críticas, como a disputa de uma Copa do Mundo, então, essa característica é robustecida pelo caráter nacionalista e patriótico, muito útil a regimes como o militar. O futebol “é um poderoso instrumento de integração social”,

através do qual “a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”¹. Esse esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas do cotidiano, sendo, por esse motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros de todas as classes tem para quebrar a hierarquia cotidiana.

Há teses mais controversas, comuns no espectro mais à esquerda e que alimentaram grande parte das conclusões acerca das relações entre o regime militar e a Copa de 70. Segundo esse pensamento, o futebol reprime o conflito de classes, docilizando o trabalhador em relação a seu patrão a cada vitória de seu time, e mistifica a realidade, pois reduz a compreensão das condições materiais e sociais. Trata-se da clássica noção do futebol como “ópio do povo”. Mesmo alguns intelectuais à esquerda, porém, defendem a cautela ao analisar o uso que dele se fez ao longo da história no país. Para João Saldanha, o comunista militante que foi o técnico da seleção brasileira até as vésperas da Copa, “o fato de o político se meter em futebol não é mal nenhum. (...) Os fatos históricos desmentem que o futebol sirva para escorar governos. O que escora governo é tanque”.² De fato, vitórias no campo esportivo não significam, automaticamente, triunfos políticos expressivos. Ao longo do regime militar, por exemplo, observaram-se efeitos diversos das Copas nas eleições. No desastre de 1966, quando o Brasil foi eliminado na primeira fase da Copa da Inglaterra, a governista Arena elegeu 68% dos deputados federais e 82% dos senadores. A Arena também se deu bem na eleição realizada após a Copa de 1970, mas foi uma vitória relativa, como veremos adiante. O partido, assim como a seleção de 1974, sofreria um sério revés na votação daquele ano, quando o MDB, que teve a primeira oportunidade de usar a TV para divulgar suas propostas, elegeu 16 de 22 senadores e 44% dos deputados federais. O Brasil voltaria a fracassar nas Copas de 1978 e de 1982, mas o governo conseguiria manter-se como maioria no Legislativo.

O brasilianista Robert Levine, por sua vez, demonstrou que a raiva retórica contra o regime militar não dá espaço para que se observe a multiplicidade de fatores que estão em jogo. “O problema com a tese do ópio é que ela apresenta uma visão maniqueísta dos processos sociais. A mudança dos anseios da sociedade brasileira, e não a vontade coletiva dos diretores dos clubes, obrigou o futebol a evoluir do modo que fez; contudo, o poder dos

¹ Ronaldo Helal, *Passes e Impasses - Futebol e Cultura de Massas no Brasil*, p. 25.

² *Futebol e Outras Histórias*, pp. 199 e 201.

meios de comunicação e a intervenção fiscal e administrativa do governo, sem dúvida, ajudaram a plasmar essa evolução. Muitos dos argumentos usados para caracterizar o futebol como mecanismo de controle social podem ser usados para mostrar seu papel como agente redutor das distâncias sociais e como agente encorajador do orgulho nacional. Para cada argumento do futebol como circo, outros podem ser contrapostos credenciando o esporte como fator de maior autenticidade local e de redução de hostilidades entre classes”.³

O ambiente que precedeu a Copa foi, para Levine, “o melhor exemplo de como o futebol foi usado para emprestar legitimidade política ao governo”.⁴ Médici não mediu esforços para associar sua imagem à da seleção. Popularidade era algo que ele perseguia, como deixou claro em discurso após a posse, em 27 de outubro de 1969: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-lo e confesso lealmente que gostaria que o meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade...”. Com tal objetivo em mente, posou de torcedor número um, deu palpites públicos sobre os jogos e, ao final, com o título assegurado, deixou-se filmar e fotografar como um autêntico entusiasta do esporte. Para alguns observadores, essa atitude é suficiente para classificar Médici como um insidioso manipulador das ilusões das massas.

Médici, um torcedor

A sensação de “quebra de hierarquia” proporcionada pelo futebol começou pelo próprio Médici no caso da Copa de 1970. As relações de Médici com o futebol não foram somente publicitárias. O presidente era um autêntico torcedor, segundo relatos insuspeitos. O cronista Carlos Heitor Cony afirma: “Médici era fanático por futebol, e não foi armação do regime militar a divulgação de algumas de suas fotos mais famosas -- ouvindo jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeira nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelava intimidade com a bola”.⁵ Dentro do governo, ministros importantes tratavam de dar publicidade a essa característica do presidente, relacionando-a à “brasilidade” de Médici e à sua condição de “homem comum”.

³ “Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro”, p.41.

⁴ Op. cit., p. 38.

⁵ *Folha de S. Paulo*, 6-3-2002, p. A2.

Jarbas Passarinho, que ocupava a pasta da Educação, era um dos mais eufóricos: “Todos conhecem seu nacionalíssimo gosto pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com o entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou”.⁶

Do ponto de vista estritamente cerimonial, Médici cumpriu, como quase todos os outros presidentes brasileiros em circunstâncias semelhantes, sua “obrigação” de prestar apoio e solidariedade ao selecionado nacional na disputa pela Copa do Mundo. No entanto, no caso específico de Médici, o que se viu, a julgar pelos relatos de época, foi uma entrega pessoal que superou, com folga, o ritual adequado à função que ele exercia. O presidente fazia questão de se qualificar como “torcedor”, sempre que podia. No dia da difícil vitória contra a Inglaterra, ele enviou um telegrama à seleção dizendo: “Na oportunidade da notável vitória conquistada palmo a palmo sobre a grande equipe inglesa, mando-lhes meu comovido abraço de torcedor, pela demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência e bravura”.⁷ A linguagem de Médici também era a de um torcedor. Na véspera do jogo contra a Inglaterra, o presidente comentou a jornalistas que estavam no Planalto que não esperava maiores dificuldades pois os ingleses eram, na sua opinião, “fregueses de caderno”.⁸

A idéia de que Médici fazia parte da torcida brasileira era convenientemente reforçada pela reação dos jogadores da seleção (segundo palavras que se lhes atribuíam). No dia da vitória sobre o Peru, Médici telefonou para Guadalajara, onde estava o time, e mandou cumprimentar os jogadores, dizendo-lhes que confiava na “nossa vitória final”. Fez referências “especiais” a Brito, Dario e Everaldo, jogadores sobre os quais ele não escondia sua predileção -- coisa típica de torcedor; afinal, pelo menos em teoria, a um chefe de Estado não é permitido gostar mais de uns que de outros. A resposta da seleção (ou aquilo que se disse em nome dela) reforça essa imagem de Médici. Segundo o brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira, “o interesse com que o presidente acompanha os jogos de nossa seleção tem servido de real estímulo a todos”. “ ‘Quando jogamos, sentimos que, entre os milhões de torcedores que nos acompanham, está o presidente, e isso é bom’,

⁶ *Folha de S. Paulo*, 22-6-1970, p. 6.

⁷ *Folha de S. Paulo*, 9-6-1970, capa.

⁸ *Folha de S. Paulo*, 9-6-1970, p. 31.

disse à imprensa um dos jogadores.”⁹ O fato de a reportagem não mencionar o nome desse jogador é bastante suspeito e coloca em dúvida se alguém da seleção realmente disse isso. No entanto essa hipotética fraude é menos importante do que a constatação de que, na mídia, Médici aparecia sempre como um apaixonado pelo esporte mais popular do país. Essa paixão era manifestada mesmo em situações nas quais tal comportamento não era esperado, como quando recebeu o então embaixador da Guatemala, Evan Drayton, em junho de 1970. Drayton estava com o braço engessado, e Médici perguntou-lhe: “Foi no futebol que o senhor se machucou?”. Diante da resposta negativa do diplomata, o presidente insistiu, quase a intimidá-lo: “Mas o senhor gosta de futebol, não?”.¹⁰

Um outro aspecto que aproximava Médici dos demais torcedores era seu hábito de dar palpites sobre todos os jogos da seleção (o que obrigava quase todos os integrantes do primeiro escalão do governo, mesmo aqueles que nunca haviam se interessado por futebol, a fazerem o mesmo...). O mais célebre desses palpites foi o da final: Médici cravou 4 a 1 para o Brasil contra a Itália. No dia do jogo, a Folha de S. Paulo estampou o prognóstico presidencial na manchete de sua página esportiva.¹¹ Como o resultado viria a se confirmar, reforçou-se a imagem não só de que Médici era um torcedor de futebol, mas realmente entendia de futebol e se relacionava com o esporte da mesma maneira que todos os outros brasileiros. No dia do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira brasileira não em pose cerimonial, mas com gestos característicos de quem estava sinceramente comemorando o título mundial. Consta que, dois dias depois, quando recebeu a seleção em Brasília, chorou de emoção.¹² “Este é o maior dia de minha vida”, disse o presidente aos que o acompanhavam após o triunfo da seleção.¹³ Em cena antológica descrita pela Folha de S. Paulo em sua primeira página no dia seguinte à conquista da taça, lia-se: “Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteiriça entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs, que diziam

⁹ *Folha de S. Paulo*, 16-6-1970, p. 26.

¹⁰ *Folha de S. Paulo*, 19-6-1970, p. 3.

¹¹ 20-6-1970, p. 20.

¹² *Folha de S. Paulo*, 24-6-1970, p. 13.

¹³ *Folha de S. Paulo*, 22-6-1970, capa.

‘se o Zagalo soubesse, hein, presidente...’ ”.¹⁴ Todo o esforço publicitário do governo para aproximar Médici dos demais brasileiros era, como se vê, bastante facilitado pela própria conduta do presidente, que não perdia nenhuma oportunidade para reiterar sua condição “popular”. Na mensagem após a vitória no México, Médici não deixou por menos: : “Na hora em que a seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros”.¹⁵

O futebol, visto pelo regime

Constatado o envolvimento de Médici com o futebol, é preciso dimensionar até que ponto o regime (e aqueles que ao redor dele orbitavam) se apropriou desse discurso popular em proveito próprio. À medida que o sucesso da seleção brasileira foi se tornando concreto (inesperado devido às turbulências prévias, com a demissão de um técnico às vésperas da estréia), militares e políticos civis procuraram capitalizar esses resultados.¹⁶ No Congresso, os “parlamentares só falam de futebol”, segundo constatação da Folha de S. Paulo.¹⁷ Contabilizavam as possibilidades políticas abertas pelo triunfo no México. A reportagem indicava que os deputados José Lindoso e Raimundo Parente (Arena) achavam que “o feito da nossa seleção foi bom para o governo”, enquanto Pedro Faria, do MDB carioca, dizia não se preocupar com as implicações políticas do tricampeonato. “Foi bom que o Brasil tivesse ganho.” Não é fácil acreditar na sinceridade do representante da oposição, mas o fato é que nenhum político podia se arriscar a criticar a seleção ou, pior, acusá-la de servir aos interesses do regime. Mesmo deputados arenistas de pouca expressão tentaram achar um lugar ao sol mexicano, como Paulo Abreu (SP), que pagou anúncio na Folha de S.

¹⁴ 22-6-1970, capa.

¹⁵ *Folha de S. Paulo*, 22-7-1970, capa.

¹⁶ É possível quantificar a influência da política sobre o futebol. O Campeonato Brasileiro, no formato como é conhecido hoje, começou no ano seguinte ao da Copa de 70, com 20 clubes. Já em 1976 passou a ter 40. Em progressão quase geométrica, saltou para 94 em 1979, vindo a cair para números mais realistas somente nos anos 90. A inclusão compulsiva de clubes no campeonato mais importante do país tinha óbvias razões políticas e eleitorais, pois os dirigentes desses clubes ou eram apadrinhados de políticos locais, com relações clientelistas na “militarizada” Confederação Brasileira de Desportos, ou eram eles mesmos políticos.

¹⁷ 23-7-1970, p. 6.

Paulo para “prestar contas” de seu trabalho, elaborar uma espécie de “sociologia do futebol” e propor à Câmara o envio de uma mensagem à seleção: “Ressaltou o deputado paulista que o futebol é sem dúvida um fator de união nacional e que muitos psicólogos já constaram que ele extravasa o campo esportivo, influenciando na própria economia do país de forma positiva ou negativa, de acordo com o resultado dos jogos. Depois de salientar que o próprio presidente Médici acaba de enviar telegrama de estímulo e de confiança à seleção, conclui o deputado Paulo Abreu: ‘Esta Casa representa o povo brasileiro. Vive com o povo suas alegrias e suas tristezas e, nesta hora, não pode ficar alheia à participação nacional na Copa do Mundo’ ”.¹⁸

O obscuro Paulo Abreu não estava sozinho: faziam parte do debate político naqueles dias os efeitos que a eventual conquista da Copa teria no Brasil, no plano econômico e no plano político. A imprensa destacava, por exemplo, que os problemas de Médici na sucessão dos governos estaduais -- o presidente impôs diversos nomes, segundo ele mais identificados com os “ideais da revolução”, contrariando interesses dentro da Arena -- poderiam ser aliviados pela vitória do Brasil. A seção “Sumário”, coluna de bastidores políticos da Folha de S. Paulo, dá conta, em 5-6-1970 (p. 3), de que a vitória do Brasil sobre a Tchecoslováquia foi “um refrigerio, um bálsamo mesmo para as mágoas e chagas que o problema sucessório nos Estados havia provocado nas almas sensíveis e sempre desejosas dos próceres da política nacional. (...) Saibam todos que Pelé, Jair e Rivelino, com os tentos que marcaram, conseguiram esvaziar boa parte dos descontentamentos a que aludíamos e deram ao presidente Médici uma colaboração valiosíssima. (...) Realmente, tudo leva a crer que, se a seleção brasileira levantar a Copa do Mundo, o acontecimento terá repercussões profundas para o país, dentro e fora dele. Na esfera interna, nem se fala. (...) As metas de uma administração dependem das metas nos campos esportivos. No caso brasileiro, essa interdependência é ainda mais profunda, de vez que nosso esporte, o futebol, está entranhado nas dobras mais íntimas da alma popular (...). Por isso mesmo o governo do presidente Médici andou bem em emprestar apoio ao nosso selecionado que peleja nos gramados estrangeiros”. O recado foi bem compreendido pelos governistas: tratava-se de uma oportunidade única não só de explorar politicamente o sucesso do Brasil no campo esportivo, mas de mostrar que as manifestações populares que

¹⁸ 7-6-1970, p. 7

se seguiram à conquista do tricampeonato eram a melhor prova de que o país vivia sob um regime democrático. O discurso do governador Peracchi Barcelos, do Rio Grande do Sul (terra do gremista Médici), ao receber Everaldo, um dos jogadores favoritos do presidente, resume essa espantosa manobra retórica: “Vocês, com esta vitória, devem ter influído no espírito de quantos, a serviço de causas malsãs, procuraram enxergar no Brasil um país que não é uma democracia, mas uma ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura, é uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e veja como o povo livremente se manifesta. Ninguém lhe tolhe os passos e ele, dessa forma, testemunha ao mundo que a Revolução de Março de 1964 pode ter imposto, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática”.¹⁹ Com todo esse aparato a favor, porém, a Arena obteve, naquele ano, uma vitória de Pirro nas eleições legislativas. O partido governista conseguiu quase 70% dos votos válidos na votação para a Câmara e mais de 60% na eleição ao Senado, mas é preciso considerar que houve expressiva abstenção e um número significativo de votos em branco e nulos, além, é claro, a ausência de uma oposição autêntica e consistente. Segundo dados do Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), a eleição para a Câmara em 1970 teve abstenção de 22,5%, além de 20,9% de votos em branco e 9,4% de votos nulos; na eleição para o Senado, houve 22,53% de abstenção, 45,52% de votos em branco e 12,59% de votos nulos.

Mesmo considerando-se a relatividade dos efeitos da conquista esportiva, porém, o fato é que a nenhum dos integrantes do regime parecia ser permitido ignorar o potencial legitimador desse acontecimento. Por essa razão, o envolvimento de ministros com a seleção cresceu na proporção do sucesso do time. Os ministros Alfredo Buzaid (Justiça) e Jarbas Passarinho, por exemplo, foram ao México ver a seleção jogar a final. Antes dessa partida, o chanceler brasileiro, Mário Gibson Barboza, foi pessoalmente à concentração da seleção em Guadalajara. Declarou que estava no México apenas para torcer, mas deixou o recado que o governo queria: “[Gibson] disse que sua vinda ao México representa a presença do governo brasileiro junto à seleção de futebol, já que as autoridades vêm acompanhando com bastante interesse esta campanha na Copa do Mundo”.²⁰ Tanto

¹⁹ *Veja*, 1-7-1970, p. 24.

²⁰ *Folha de S. Paulo*, 21-6-1970, p. 24.

interesse que, quando a seleção venceu a Copa, o presidente Médici entregou a cada jogador, por meio da Caixa Econômica Federal, um cheque de 25 mil cruzeiros (o equivalente a 19 mil reais, considerando-se a inflação medida pelo IPC da Fipe), numa atitude que não mereceu reparos à época, apesar da evidente irregularidade. Por razões semelhantes, o então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, teve de responder a processo -- ele mandou dar, à custa dos cofres públicos, um Fusca a cada jogador tricampeão --, num episódio que se tornou paradigmático da confusão entre o público e o privado na esfera das administrações brasileiras. Em 1970, porém, além de viver sob um regime de exceção, o que seria suficiente para justificar tanto a arbitrariedade da premiação presidencial aos jogadores como a ausência de críticas a ela, o Brasil parecia não se importar, diante da festa dos heróis do tri.²¹

Um outro episódio colocou a seleção brasileira no centro do discurso do governo para reforçar os objetivos da “revolução”: o seqüestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, no Rio. Ocorrido em 11 de junho de 1970, portanto em plena Copa do Mundo, o crime foi cometido pela Vanguarda Popular Revolucionária, que, em troca, obteve a libertação de 40 presos e seu envio à Argélia. Ao longo do drama, cuja coincidência com a Copa seguramente não foi acidental, o governo tratou de jogar a opinião pública contra os grupos subversivos, sugerindo que a comoção causada pelo seqüestro entre os jogadores da seleção poderia prejudicar o desempenho do Brasil na Copa. Em sua primeira página de 17 de junho, a Folha de S. Paulo dizia: “Notícias do México dão conta da perturbação que a notícia do seqüestro provocou no ambiente do nosso selecionado. Pelé, Rivelino e outros jogadores manifestaram-se, condenando o ato terrorista”. As “notícias” a que a Folha se referiu eram, na verdade, uma nota oficial do Ministério do Exército: “Causou profundo impacto na seleção a notícia chegada ao México sobre o seqüestro do embaixador alemão. Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques

²¹ Os interesses particulares se sobrepuseram aos interesses públicos em outras ocasiões relacionadas às conquistas da seleção brasileira, mesmo quando o regime era de plena democracia. No mais célebre desses episódios, a equipe que fora campeã na Copa do Mundo de 1994, nos EUA, voltou ao Brasil naquele que ficou conhecido como o “Vôo da Muamba” -- eram dez toneladas de bagagem, que incluía até uma geladeira. A Alfândega no aeroporto do Galeão (RJ) estava decidida a não liberar o material até que as respectivas multas fossem pagas. O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, ameaçou então cancelar os desfiles da delegação que estavam programados em diversas capitais brasileiras. Diante dessa chantagem, e com o apoio do ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, o secretário da Receita Federal, Osiris Lopes, permitiu a liberação da bagagem. O escândalo subsequente derrubou Lopes.

lamentaram que maus traidores e criminosos venham a quebrar a tranqüilidade e o entusiasmo da seleção. Lamentaram nossos craques que os terroristas, a serviço de países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo”.²² É difícil saber se esses jogadores realmente se comportaram dessa maneira. Mas isso se tornara irrelevante, pois a idéia era mostrar que os terroristas eram os desagregadores do Brasil, no momento em que os brasileiros se uniam em torno do ideal de fazer deste um país grande, com vitórias na área social, econômica e esportiva. Em telegrama a Médici, o chefe da delegação brasileira, brigadeiro Bastos, deu o tom da manipulação do episódio, procurando mostrar que os perpetradores do “ato desumano” eram diferentes do “grande povo brasileiro”. Mas também mostrou as preocupações do regime em relação ao exterior, pois o Brasil de Médici lutava para mostrar-se seguro aos olhos do mundo: “Na hora em que, no campo esportivo, nos confraternizamos com outros povos e vimos alcançando vitórias baseadas nos princípios da disciplina e do respeito, manifestamos, em nome da delegação brasileira de futebol, nossa repulsa ao ato desumano contra o ilustre embaixador da nação alemã (...), ferindo os laços de fraternidade dos nossos povos e dando ao mundo uma imagem distorcida quanto à generosidade, fidalguia e humanidade do grande povo brasileiro”.²³ O território entre o Brasil bom e o ruim estava perfeitamente demarcado. Na mesma primeira página em que registrava a chegada à Argélia dos militantes esquerdistas soltos e banidos do país em troca da vida do embaixador alemão, a Folha de S. Paulo de 16 de junho dizia que o goleiro Félix, titular da seleção, estava “com saudades do Brasil”.

²² *Veja*, 17-6-1970, p. 93.

²³ *Folha de S. Paulo*, 13-7-1970, capa.

Bibliografia

AQUINO, Rubim Santos Leão. Futebol - Uma Paixão Nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrgues Ferreira. “Com Brasileiro, Não Há Quem Possa”. São Paulo: Unesp, 2004.

DUARTE, Orlando. Todas as Copas do Mundo. São Paulo: Makron Books, 1998

FLORENZANO, José Paulo. A Rebeldia no Futebol Brasileiro. Dissertação de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ciências Sociais, 1997.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses - Futebol e Cultura de Massas no Brasil. : Petrópolis: Vozes, 1997.

KLINTOWITZ, Jacob. “A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol - 1978”. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: nº 5, p. 113-118, 1978.

LEVINE, Robert. “Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro”. In: MEIHY, J. C. S. (org.). Futebol e cultura – colêanea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. A Verdadeira Paz. Brasília: Secretaria de Imprensa da Presidência da República, 1973.

SALDANHA, João. Futebol e Outras Histórias. São Paulo: Record, 1988.

SANTOS, Joel Rufino dos. “Na CBD, até o papagaio bate continência”. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, nº 5, p. 119-129, 1978.